

ESTADÃO 
expresso

NA **PERIFA**

SÃO PAULO SEXTA-FEIRA, 3 DE DEZEMBRO DE 2021
expressonaperifa.com.br

Parceria:

99

SOBREVIVÊNCIA

A AMAZÔNIA É TUDO

O que acontece na maior floresta tropical do planeta afeta cada um de nós e os que virão depois. Há um futuro possível? Sim. Ele está no conhecimento de indígenas, quilombolas e ribeirinhos que mantêm as árvores em pé e precisam ser ouvidos e respeitados

PÁGS. 2 a 5

Vale do Guaporé, Quilombolas. Meninos brincam no rio na Vila de Porto Murtinho, município de São Miguel do Guaporé (RO)

Marcela Bonfim/Expresso na Perifa



A água é o elemento mais importante para a vida no planeta. As florestas amazônicas pautam os ciclos das chuvas e a circulação das águas, que garantem a produção de alimentos e o desenvolvimento econômico em escala global

JUCA GUIMARÃES

A destruição da Amazônia, a maior floresta tropical do planeta, traz consequências terríveis para a humanidade e torna ainda mais complicado e desafiador o enfrentamento da emergência climática. É preciso manter a Amazônia em pé e (tentar) recuperar o que foi destruído, porque tudo que acontece nela afeta cada um de nós e os que virão depois. Saúde, educação, pobreza, fome, conflitos e injustiças sociais. Economias em crise. Superaquecimento global. Os efeitos da devastação e da catástrofe ambiental se manifestam em todas essas áreas e outras mais, sempre chegando primeiro nas populações mais vulneráveis. Mas, afinal, qual a importância das florestas? Dá para reverter o desastre? O que são rios voadores? Esta edição especial do **Estadão Expresso na Perifa** tenta jogar luz sobre questões como essas, porque a gente acredita que informação e engajamento ajudam a salvar vidas.

O QUE É E ONDE ESTÁ

A maior floresta tropical do mundo é dona da maior bacia hidrográfica e de mais da metade da biodiversidade do planeta. A Amazônia, poderosa fonte de estudos científicos, avanços tecnológicos e de qualidade de vida, ocupa 59% do Brasil nos estados do Acre, Amapá, Amazonas, Mato Grosso, Maranhão, Pará, Roraima, Rondônia e Tocantins. Em extensão menor, está em outros oito países: Bolívia, Colômbia, Equador, Guiana, Guiana Francesa, Peru, Suriname e Venezuela.

AMEAÇA CONSTANTE

“Os ecossistemas que cobrem mais de 7 milhões de quilômetros quadrados [5 milhões ficam no Brasil] estão ameaçados pelo desmatamento, por incêndios, mineração, exploração de óleo e gás, grandes barragens para geração de

energia hidrelétrica e por invasões ilegais”, alerta o Painel Científico para a Amazônia (SPA), uma rede de cientistas voltada para uma Amazônia sustentável (www.aamazonia-queremos.org).

IMPORTÂNCIA

A Amazônia dita o ritmo das chuvas no Brasil e tem papel fundamental na regulação do clima. Ela armazena gás carbônico, libera oxigênio e, nesse processo, suas árvores guardam o equivalente a dez anos de queima de combustíveis fósseis no mundo. Em entrevista a um programa da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), o físico Paulo Artaxo, da USP e do SPA, explica: “Se a gente desmatar essa floresta, esse carbono vai para a atmosfera agravando a já crítica situação das mudanças do clima no nosso planeta.”



SOBREVIVÊNCIA

AMAZÔNIA NO CENTRO DO MUNDO



Getty Images

AMAZÔNIA CENTRO DO MUNDO, QUE CONCEITO É ESSE?

Para a jornalista e escritora Eliane Brum, que acaba de lançar o livro *Banzeiro Òkòtò – Uma Viagem à Amazônia Centro do Mundo* (Companhia das Letras), a emergência climática é o maior desafio da nossa trajetória e o único jeito de criar um futuro possível é “deslocar o que é centro e o que é periferia”: os grandes centros do mundo, diz a autora, são os enclaves da natureza. Nesse sentido, a Amazônia está no centro do mundo e Eliane, a repórter mais premiada do Brasil, fala de dentro do centro. Há mais de vinte anos ela percorre as florestas para ouvir e escrever histórias e denunciar injustiças, mas em 2017 fez um movimento radical: deixou São Paulo e foi viver em Altamira, no Pará, onde as violações ambientais e de direitos humanos praticadas desde a instalação da hidrelétrica de Belo Monte matam o Rio Xingu, transformam para pior a vida da população e fazem de Altamira a cidade mais violenta da Amazônia. E a segunda mais violenta do País. (Viviane Zandonadi)

(veja a entrevista completa neste link: bit.ly/fapesp-amazonia-paulo-artaxo)

RIOS VOADORES

Na fotossíntese, quando a floresta amazônica se abre para capturar o gás carbônico que armazena em suas árvores, ela põe na atmosfera água evaporada. Muita água. Esses são os chamados “rios voadores”, superimportantes para o regime de chuvas do Centro-Oeste e do Sudeste do País. Chuvas fundamentais, aliás, para a agricultura, um dos principais motores da economia no Brasil.

DESMATAMENTO

Quando a Amazônia é desmatada e queimada, ela gera gases de efeito estufa e partículas de aerossóis. “Esse desmatamento é permanente, porque a floresta, ao ter todo o bioma destruído, dificilmente

consegue recuperar a biodiversidade e os serviços ecossistêmicos”, diz o cientista Paulo Artaxo. “E como nosso planeta está em franco e rápido processo de aquecimento, a floresta está sentindo um estresse adicional.”

PROBLEMAS HISTÓRICOS

“No Brasil, existem programas de desenvolvimento econômico com impactos muito negativos na Amazônia”, diz Flávio Almeida, historiador, especialista em questões climáticas e morador de Roraima. São séculos marcados pela ocupação predatória e violenta. Almeida destaca o corte de árvores para monocultura e pasto e o extrativismo mineral. “Outros meios para garantir o desenvolvimento humano, gerando emprego e renda na região, precisam ser encontrados”, afirma.

DESCONTROLE

Só em outubro deste ano foram devastados 877 quilômetros quadrados de floresta amazônica, segundo Deter e Inpe, superando a marca dos outubros anteriores. “O desmatamento saiu do controle com o estímulo de atividades ilegais que pautam discursos e atos do atual governo”, diz Adriana Ramos, coordenadora do Programa de Política e Direito Socioambiental do Instituto Socioambiental (ISA). “A tendência é de crescimento justamente quando os cientistas apontam como muito próximo o chamado ponto de não retorno, que afeta as condições da floresta cumprir seu papel de regulador climático. Os impactos do desmatamento sobre os modos de vida das populações são vários.”

Adriana afirma ainda que atualmente o maior desafio dos povos indígenas, por exemplo, é assegurar seus direitos, ameaçados por políticas e propostas legislativas e pela invasão sistemática de seus territórios pela criminalidade. “O aumento das invasões nos últimos anos é visível nos dados de desmatamento. Apesar disso, os territórios indígenas seguem sendo as áreas mais preservadas.”

IRREVERSÍVEL

Em relatório divulgado na COP-26, a conferência do clima que ocorreu em novembro deste ano em Glasgow, na Escócia, o Painel Científico para a Amazônia (SPA) disse que o

movimento é de urgência, e apontou o altíssimo risco de a floresta virar deserto. Para evitar a catástrofe, o documento recomenda ouvir a ciência, investir em inovação tecnológica e buscar soluções na natureza e no conhecimento tradicional de indígenas e ribeirinhos. O desmatamento zero tem de ser alcançado até o fim desta década. E o modelo econômico precisa, necessariamente, mudar e melhorar.

OS POVOS QUE HABITAM A FLORESTA

Quem mantém em pé o que resta da floresta amazônica no Brasil são os indígenas, os quilombolas e os beiradeiros (ou ribeirinhos). Para ter uma ideia, nos últimos 40 anos, o desmatamento desapareceu com 20% da Amazônia. Nas terras indígenas e quilombolas, porém, a perda foi de 2,4%. “A sobrevivência depende da preservação da sabedoria, do conceito de bem-viver e da resistência ensinados pelos povos da floresta”, diz o pesquisador de comunidades quilombolas Ivamar dos Santos. Junto com a ambientalista Suane Brasão, Ivamar, que também é griô (guardião e contador de histórias de um povo), criou em 2016 o Coletivo Amazonizando. Seu objetivo é preservar e valorizar a cultura dessas populações. “São eles que melhor sabem cuidar e que entendem toda a magnitude e a importância dos ciclos e da floresta em pé”, afirma Ivamar.



A chamada Amazônia Legal é formada pelos estados do Acre, Amapá, Amazonas e Pará, junto a partes do Maranhão, Mato Grosso, Tocantins e de Rondônia. De acordo com o último censo demográfico, habitam o território 20,3 milhões de pessoas – 12% da população brasileira. A maioria vive em áreas urbanas (68,9%) e 31,1% nas rurais

SOBREVIVÊNCIA

O POVO DA FLORESTA

A Amazônia brasileira é formada secularmente por indígenas de diferentes etnias, quilombolas e ribeirinhos, entre eles pescadores, seringueiros e extrativistas



Os ribeirinhos?

Tal indígenas e quilombolas, os beiradeiros também são ameaçados de extinção. Esses homens e mulheres vivem na beira dos rios ou em ilhas e tiram seu sustento da pesca, da coleta do látex e de outros produtos naturais. São pessoas que sabem viver bem na floresta sem ofendê-la e que não precisam de muito dinheiro até serem arrancadas de suas terras para deixar passar o “desenvolvimento”. A escritora e jornalista Eliane Brum chama esse processo de “conversão dos povos da floresta em pobres urbanos”, que se manifesta na ocupação da Amazônia pelo Estado brasileiro. Acontece há muito tempo, aconteceu na ditadura civil-militar. Acontece agora, enquanto você lê esta frase. (Viviane Zandonadi)

Soli/Expresso/na Periféria

ARIEL BENTES, FAVELA EM PAUTA

Indígenas — No último censo do IBGE, em 2010, a população indígena do Brasil era de 896 mil pessoas em mais de 300 etnias e de 270 línguas: 342 mil habitavam a região Norte. “Somos indígenas, não ‘índios’”, diz Telma Taurepang, antropóloga e coordenadora da União das Mulheres Indígenas da Amazônia Brasileira (Umiaab). “Nossas identidades são pouco valorizadas. Mas somos nós que cuidamos, protegemos e preservamos a Amazônia, que é a nossa casa. É também através dela que nós temos água limpa e ar puro e que nossos costumes, culturas e línguas maternas se mantêm. Nós sempre falamos da importância da

Amazônia e que ela precisa ser cuidada e vamos continuar fazendo isso”, afirma.
Quilombolas — Quem também se engaja na preservação e na representatividade na Amazônia são os moradores dos quilombos, que conquistaram seu direito aos territórios ocupados pelos antepassados. Só no estado do Pará há 528 comunidades. Uma delas é Oxalá de Jacunday, território quilombola de Jambuaçu, onde vive Samilly Valadares. Psicóloga e ativista, Samilly ressalta que a Amazônia é feita da ancestralidade e da luta dos povos tradicionais e originários. Para ela, o reconhecimento da identidade

de quilombola é um marco histórico na luta pela preservação da floresta. “Não é de interesse dessa sociedade racista que nós nos reconheçamos enquanto povo quilombola, mas, quando nos apoderamos e protagonizamos cada vez mais esses processos, ninguém nos para”, diz Samilly. Ela coordena uma iniciativa de fortalecimento de identidades e territorialidades quilombolas através de educação e cultura. “A preservação da Amazônia é um compromisso ancestral para o povo quilombola. Nós lutamos diariamente aqui para reexistir, para estarmos aqui e sermos guardiões dessa biodiversidade e riqueza ancestral”.

SOBREVIVÊNCIA

“Meu lugar é esse”, diz Talita Sena

Na cidade mais violenta da Amazônia, às margens do Rio Xingu, jovem ativista fala de resistência e dos desafios da juventude no Pará



Soli

VANESSA RAMOS

A maior floresta tropical do planeta morre um pouco a cada dia. Quando um rio seca ou uma árvore tomba, uma parte da população fica destruída. Isso, somado à política governamental atual, é como um trem descarrilhando rumo ao penhasco. Essa é uma parte da realidade contada e vivida pela ativista e estudante de Medicina Talita Sena, de 23 anos. Ela se apresenta como mulher amazônica e militante. Nasceu em Santarém, no Pará, mas por causa da faculdade vive em Altamira há cinco anos. Prestes a se formar, diz que vai continuar na cidade que a acolheu. “Sempre senti conexão com o lugar onde habito, o rio, a floresta,

a terra. Isso me move para defender esse espaço. Meu lugar é esse, cuidando das pessoas.”

Ser jovem em Altamira

Talita participa de três coletivos em que são debatidos enfrentamentos na região permeada por madeireiros, mineiros e outros predadores da floresta. As juventudes indígenas, pretas, ribeirinhas e da Amazônia urbana estão entrelaçadas no contexto social. “Ser jovem é desafiador em todos os lugares, mas em Altamira é ainda mais difícil. São poucos os espaços de lazer, a mobilidade é ruim e a periferia é bem perigosa”, descreve. “O acesso à educação é ruim, o desemprego

é alto. Alguns jovens vivem abusos e violências dentro de suas casas e acabam sendo cooptados pelo crime, principalmente os povos da floresta.”

Cidade transfigurada

Ao afirmar que a destruição socioambiental é enorme em Altamira, Talita destaca o desmatamento e a destruição travestidos de “desenvolvimento”. Primeiro, a região foi atingida pelo desvio do rio Xingu para abastecer a hidrelétrica de Belo Monte. Agora, a mineradora Belo Sun pretende despejar materiais nocivos ao meio ambiente à beira do mesmo rio. Tudo isso, segundo a ativista, sem consulta pública e diálogo com

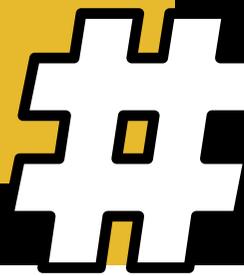
“É preciso entender que a gente não vive sem a floresta e a floresta não vive sem eles [os povos tradicionais]”

a população. “A gente percebe a mudança no ciclo da água. Ano passado, tivemos uma das maiores secas nos rios, víamos peixes mortos nos igarapés. Com isso, falta alimentos para as comunidades”, lamenta. “Antes, o fruto caía nas águas do rio e atraía os peixes. Hoje, cai em área seca. São os impactos desses megaempreendimentos e a negligência com a saúde das comunidades. Defender a vida das pessoas que habitam e lutam por este território, como os indígenas e os ribeirinhos, quem conhece como funciona a floresta, é defender esse lugar. É preciso entender que a gente não vive sem a floresta e a floresta não vive sem eles”, alerta.

Paradoxos do Brasil

Talita ainda quer falar da participação brasileira na Cúpula do Clima, que ocorreu em Glasgow, em novembro. “A COP-26 foi importante para formalizar acordos, mas, diante do governo Bolsonaro e sua falta de zelo com o meio ambiente, não sei até que ponto isso vai ser colocado em prática.” Para a futura médica, o País dificilmente cumprirá a meta assumida de redução de 50% das emissões dos gases associados ao efeito estufa até 2030 e a neutralização, até 2050, das emissões de carbono.

A falta de esperança de Talita tem respaldo na disposição do governo em oferecer a região amazônica para a criação de gado, o agronegócio insustentável, as grandes obras, e a mineração. Também se sustenta nos dados divulgados pelo Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe): o desmatamento na Amazônia brasileira aumentou quase 22% entre agosto de 2020 e julho de 2021, um recorde em relação aos últimos 15 anos. “O governo assina acordos, mas age de forma contrária. Isso não é surpresa para ninguém. Vemos o aumento da violência no campo, a invasão das terras indígenas, o crescimento do garimpo ilegal. E vamos sofrer de maneiras diferentes e desiguais com a mudança climática”, diz Talita.



Como o clima imobiliza sua vida?

A COP-26, evento que discutiu medidas urgentes para as questões ambientais, abriu espaço para as vozes das periferias: uma população que é sempre a primeira a ser afetada pelos prejuízos

Getty Images

O mundo debate o impacto das mudanças climáticas e muita gente ainda pensa que é algo para um futuro distante, que não afeta o nosso dia a dia. Longe disso. Mais do que pesquisas científicas, esses efeitos já são sentidos pelas pessoas — especialmente quem mora em bairros distantes, com infraestrutura precária, em que alagamentos e desmoronamentos são comuns todos os anos. Elas vivenciam prejuízos materiais e imateriais em diversos aspectos, incluindo a mobilidade urbana.

A doméstica Mislene Barcelar Queiroz, 33 anos, moradora de Taboão da Serra, na região da Grande São Paulo, trabalha na zona oeste da capital e depende do transporte público. Quando chove, muitas vezes é difícil cruzar a divisa entre Taboão da Serra e a cidade de São Paulo, por conta do transbordamento de um rio da região. “Muitas vezes fico isolada e não consigo chegar ao trabalho. Não passa ônibus, não passa nada. E percebo que a cada ano esses alagamentos ficam piores”, avalia Mislene.

Ativismo pela representatividade

Diante dos problemas ambientais que afetam de forma ainda mais dramática a população que vive nas periferias, grupos têm se formado em todo o Brasil. Uma das lideranças é a ativista Amanda da Cruz Costa, de 25 anos, moradora do Jardim Almanara, na Brasilândia, zona norte da capital paulista. Ela, que também é criadora do Instituto Perifa Sustentável, que faz parte da Coalizão Negra por

Direitos e luta para que tenha diversidade nessa importante discussão, também participou da Conferência das Nações Unidas sobre as Mudanças Climáticas, a COP-26, que aconteceu este ano, em Glasgow, na Escócia, Reino Unido, para reforçar os alertas e riscos de uma grave crise climática, que são muito



Nos bairros mais distantes, enchentes, alagamentos e desmoronamentos — que já são comuns todos os anos — tendem a piorar por falta de políticas públicas ambientais e de saneamento básico

reais e precisam ser combatidos. “O objetivo é mostrar para o mundo o que está acontecendo no Brasil: genocídio, ecocídio, desmonte de políticas públicas, flexibilização da agenda ambiental, ataque às populações tradicionais, aos povos quilombolas e indígenas e silenciamento de lideranças que se posicionam contra esse governo”, avalia.

Luta ainda é por direitos fundamentais

Para a ambientalista, a melhoria das condições ambientais nas periferias passa pelo direito a serviços básicos, como água, esgoto e coleta de lixo. “Apenas 50% da população

brasileira tem acesso a saneamento básico. Quando os direitos mínimos não são garantidos para que uma comunidade sobreviva, você está anulando essas pessoas. Então, para pensar em políticas públicas é imprescindível que esses direitos sejam colocados”, observa.

Outra frente importante, de acordo com Amanda, é estimular a participação de todos, das crianças aos idosos, em uma agenda ambiental positiva. “Um amigo criou um programa de formação de jovens, com plantio de árvores. Imagino a dimensão que isso pode tomar quando toda a comunidade participar desse processo, para que

não seja algo apenas das crianças, mas que transforme todo o contexto local”, acrescenta.

Inclusão ajuda a minimizar os efeitos

A 99, empresa de tecnologia ligada à mobilidade urbana, atenta às constantes mudanças, possui ações para democratizar o acesso às cidades. Para os brasileiros, 50% dos gastos estão ligados ao transporte e à moradia, de acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Com a inflação em alta, isso afeta ainda mais o orçamento das famílias, especialmente as da classe C que, por necessidade e segurança (31%), começaram a usar aplicativos de transporte a partir da pandemia, de acordo com pesquisa do Datafolha, encomendada pela 99.

Para atender às novas demandas, a empresa desenvolveu soluções para tornar os trajetos dessa população menos pesados ao bolso. Uma delas é o 99Compartilha, opção na qual o passageiro pode dividir a corrida com outro usuário. Na prática, a economia pode chegar a 25% do valor da corrida em comparação com a categoria 99Pop, por exemplo.

Para o motorista parceiro, a rentabilidade também é maior, pois ele recebe pelo tempo, distância da viagem e distância percorrida com dois passageiros no carro, com ganhos ampliados em até 20% em comparação com o 99Pop.

Para acessar outros conteúdos, aponte a câmera do celular para este QR Code:



PROMOÇÃO
DIREÇÃO
PREMIADA

2 MILHÕES

DE REAIS EM PRÊMIOS!



Sorteios de
R\$10 mil
e
R\$30 mil
por semana



sorteios finais de
4 CARROS
0km*
e
2 CASAS**



Quanto mais você
correr, **mais chances**
tem de ganhar!

Saiba mais em
direcaopremiada99.com.br

*carros 0km no valor de R\$150 mil cada
**casas no valor de R\$300 mil cada

Veja no site do expressonaperifa.com.br uma seleção de fotografias de autoria de Marcela Bonfim. O retrato ao lado, intitulado *Força Afro-Indígena*, foi feito em 2015 no município de Vilhena (RO)



Marcela Bonfim

JUCA GUIMARÃES

A fotógrafa paulistana Marcela Bonfim é autora do projeto fotográfico (Re)conhecendo a Amazônia Negra, criado em prol do legado e da contribuição da população afrodescendente ao tecido sociocultural do estado de Rondônia. Um dado determinante para a execução do projeto, diz Marcela, foi o fato de pesquisas e registros sobre essas populações geralmente se concentrarem nas especificidades e características do Nordeste, do Centro e do Sul do Brasil – sem muito destaque para a região Norte.

Marcela mora em Porto Velho, capital rondoniense, desde 2010. Trabalhou como economista até descobrir na fotografia uma conexão potente com a população tradicional negra e ribeirinha e de origem afro-caribenha. Isso foi fundamental, conta, na construção de sua identidade como fotógrafa. “Eu vi uma negritude acontecer das margens e do centro de cultura da cidade. Comecei a fotografar e a me surpreender com o que estava vendo e com os aspectos da beleza. Eu não me achava uma pessoa do padrão e tinha muitos problemas com a minha imagem. Desde que o negro nasce, ele não se vê como padrão, ele não se vê nos livros de história. A partir da fotografia, tudo isso passou a se elucidar na minha cabeça.”

Sua obra pode ser definida como uma pesquisa de antropologia visual para mostrar a



Divulgação

“O desenvolvimento não terá vez sem o reconhecimento da identidade brasileira que é múltipla. Não podemos falar no singular, temos que pluralizar. São Amazônias. Trabalhar com imagem é ressignificar essa pluralidade o tempo todo, permitindo que as pessoas ampliem o seu imaginário. Fotografia é sobretudo imaginário”

Marcela Bonfim, fotógrafa e ativista cultural

memória da população negra na região amazônica. Ela já fez registros em Porto Velho e quilombos do Vale do Guaporé. É autora das exposições *Madeira de Dentro*, *Madeira de Fora* (2020) e *Amazônia Negra* (de 2016), que circulou por 13 estados brasileiros com fotografias impressas em madeira. As lentes de Marcela Bonfim captam também a migração de haitianos e venezuelanos negros para a região Norte do Brasil, em busca de condições melhores de vida. E ela está escrevendo um livro. O título é *As Imagens (In)Visíveis da Cor*.

QUEM SOMOS

APRESENTA E REPRESENTA

Fotógrafa e ativista cultural, Marcela Bonfim faz antropologia visual da Amazônia negra, dirigindo o olhar para povos, costumes e influências na floresta

Breve história da chegada dos negros na Amazônia

A partir de 1870, nos ciclos do ouro e da borracha, foi significativo o aumento da migração de pessoas negras para a Amazônia. Nas duas primeiras décadas do século 20, chegaram muitos afro-caribenhos, de Barbados e outras partes do Caribe, para trabalhar como mão de obra qualificada na construção da estrada de ferro Madeira-Mamoré, com mais de 360 quilômetros de extensão e inaugurada em agosto de 1912. Ainda antes, nos séculos 18 e 19, pessoas escravizadas de Vila Velha da Santíssima Trindade, atual Mato Grosso, deslocaram-se para as terras que hoje fazem parte do território de Rondônia.